

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES**

**VOL. 3 ANO 2014 - SEM CORTES
(CRÓNICAS 137 A 142 - 2014)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE

O TEMPO É UM ÓTIMO PROFESSOR. PENA É QUE MATE OS SEUS ALUNOS. (HECTOR BERLIOZ)

Ficha técnica – Outras obras do autor:

LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS
2018 FOTOEMAS foto book, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas ISBN: 9781388351083
2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas
2018. Crónicas Açores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf
2018. Crónicas Açores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores-uma-circum-navegacao-vol-1--3%C2%AA-ed-2018.pdf
2017. Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas, Ed. Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada
2'17, revisão, compilação e Tradução de "O mundo perdido de Timor-Leste" de José Ramos-Horta ed. LIDEL
2017. Poema "Maria Nobody" IN VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED.
2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Universidade da Beira Interior, org. Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório
2017. "Três poemas açorianos" in Antologia ed. Artelogy dezº 2016
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", in "Povos e Culturas - A ilha em nós", Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", capítulo do livro "A condição de ilhéu", Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2016, compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor "Um missionário açoriano em Timor" vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café
2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/
2015. Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. 2015
2014. Prefácio de "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016
2013. Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed. https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais
2012. Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0
2012. Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras 2012 - ISBN 9789728985646 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf
2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf
2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf
2012, Tradução "Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine" de Caetano Valadão Serpa
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.
2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD – 1ª ed. 2005-2012 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1008/TRILOGIA-vol-2-Historia-de-Timor.pdf https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992 http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf
2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras
2011, Crónicas Açores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras http://www.calendario.pt/index.php?id=246&cat=203&pid=55
2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor
2009, Crónicas Açores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, online https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-cores/oclc/357576846&referer=brief_results
2009, Crónicas Açores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009
2008, Tradução para inglês de "S. Miguel uma ilha esculpida" Daniel de Sá, Ed. VerAçor.
2008, Tradução de "Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel" Victor Rui Dóres, prelo, ed. VerAçor.
2008, Prefácio e Revisão "A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse" de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada
2007, Tradução para inglês "E das pedras se fez vinho" de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal
2007, Tradução para inglês, "Santa Maria Ilha Mãe" Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal
2005, coautor tradução para português "The Lost painting" Jonathan Harr, ed. Presença
2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf - http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005).pdf
2004, tradução para português "A People's War" de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal
2004, tradução para português, "Dien Bien Phu" de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal
2002, tradução de "La familia: el desafío de la diversidad" Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal
2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) 1ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/microrader/cronicasCA.lit http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor0.pdf
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf https://www.worldcat.org/title/east-timor-the-secret-file-1973-1975/oclc/66016286&referer=brief_results http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng-
1999, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758 https://www.worldcat.org/search?q=chrystello&fq=&dblist=638&fc=ap:25&at=show_more_ap%3A&cookie
1991-2011 Yawuji Barra e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baia, ed. 1991-2011 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf
1985 crónica X Aborígenes na Austrália https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf
1981, Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidiano inutil.pdf http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cqi-Volume-3-4#scribd
1974, Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf
1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQL.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidiano inutil.pdf

Contacto do autor: (+351) 919287816 drchryschrystello@yahoo.com.au / chryschrystello@journalist.com

Crónica 0

Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) que foi poeta, escritor, conferencista, professor, tradutor, criador de jornais e revistas, disse certa vez de Platão e Aristóteles que colocaram "dois sistemas opostos diante da mente do mundo". E disse mais: "Todo homem nasce aristotélico ou platónico. São duas classes de homens, ao lado das quais é praticamente impossível conceber uma terceira". Platão ambicionava a sabedoria do além, do mundo das ideias, do qual o nosso mundo é apenas uma sombra pálida. Idealista. Aristóteles procura a sabedoria aqui, com os dois pés no chão. Foi Aristóteles um dos primeiros a procurar uma verdade objetiva sem a necessidade de "mágica". Aristóteles aconselhava a não discutir com qualquer um, uma recomendação que confirma a famosa Lei de Murphy, segundo a qual quando a gente discute com um idiota poderia ocorrer que outros não percebessem a diferença. A conduta, os artigos, a forma cética e irreverente de JC falar, sempre obcecado por ser "politicamente incorreto" já há muito denotavam aquilo que o velho Aristóteles categorizava como um "idiota".

Nesta fase adiantada da minha vida, era mais um *homo domesticus* que ficava em casa, incapaz ou sem querer interferir de forma ativa nos assuntos da "civitas". Não aceitava como minha a responsabilidade de lutar sozinho contra déspotas, tiranos, corruptos, medíocres, ao contrário do que fizera já, sem grandes resultados, durante várias décadas. Um autor açoriano, de seu nome Daniel de Sá, já o havia intuído:

Existe um "castelo" na Lomba da Maia. Não tem torres nem ameias nem tampouco o fosso protetor contra invasores e atacantes. Também não tem nome nem dono. Foi assim batizado por aquele escritor, por lá se avistar (dia e noite) um castelão, agarrado ininterruptamente ao seu computador, organizando os Colóquios da Lusofonia.

De facto, dali do topo da sua "falsa" (o nome micalense para o sótão) a minha janela abria-se sobre todo o mundo: podia observar os mares e os montes, as vacas, as eternas brumas que se aproximavam e, por vezes, desapareciam sem deixar rasto. Outras vezes era a chuva inclemente e impiedosa que vinha ora do norte, ora do oeste ou do sul, e aí sim, ela abatia-se sobre o seu "castelo" e as grossas gotas corriam pela sua janela e toldavam-lhe o juízo, arrefecendo a sua paciência oriental. Mas não foram essas chuvas quem apagara o fogo da minha paixão pela verdade, equidade, justiça e liberdade, extinto há muito pela sublimação do hábito que torna os quotidianos em tarefas cada vez mais pesadas, quando o desespero se apossa subitamente, sem premeditação. Martelava ferozmente o teclado em frente ao qual gastei a última grosa de anos (não eram doze dúzias, mas assim lhe pareciam) da sua vida, deixava que a vida lá fora corresse sem pressas. Devagarosamente debitava palavras que a gaveta iria consumir com a humidade que, aliás, era muita naquela ilha sempre verde. Sempre a gaveta para onde desde miúdo atirava tudo o que produzia na esperança de um dia lhe vir a ser útil.

Felizmente sempre tive a mania de escrever e guardar o que escrevia. Assim cheguei a ler tudo o que escrevi ao longo de mais de meio século. Eram notas, pequenos apontamentos, escritos e manuscritos de caligrafia variável como os estados de alma, de vários tamanhos, formatos e estilos, que se haviam acumulado em pastas não catalogadas nem sequer ordenadas de qualquer forma específica. Outros ocupavam o lado outro de folhas A4, recicladas de traduções, notícias e outras. Foi um trabalho longo. Ler e rever tudo o que me aparecia escrito e descortinar o que era real, inventado ou meramente sonhado. Alguns faziam parte de escritos e reescritos já publicados, outros nem por isso, e havia os mais recentes publicados já sob o pomposo e deshumble título de *CrónicasAçores: uma circum-navegação*. Uma vez na posse daqueles arquivos preciosos (e muito ficara por ler e desvendar, para memória futura) a minha tarefa fora interpretar e colocar geograficamente os eventos nos locais por onde passara, que nem um caixeiro-viajante do mundo, sempre impaciente e insatisfeito em busca de uma pátria, uma mátria, um lar.

É sobre essa fluente e vasta escrita que este livro versa. Já aprendera isso com o meu pai e repetia-o até à exaustão pois a experiência ditava-me de que poderiam ser úteis tais anotações. Já o tinham sido por várias vezes. Era difícil aos que me rodeavam compreenderem aquele frenesim, aquela angústia de escrever e por muito que lhes explicasse (o que já deixara de fazer havia tempo) recusavam-se a ver a minha irrepreensível lógica. Sabia que tinha uma missão diferente de todas as outras e teria de a levar a cabo, embora sem ter cartas de marear nem rotas nem itinerários. Era quase um eremita rodeado de gente pouca, por todos os lados, como convém a quem é uma ilha, incapaz de se deixar contagiar pelos clamores externos. Não havia ambiguidades na minha postura, optara por ser aquilo que atualmente era. Já não tinha nem ressentimentos nem ilusões. Já passara o tempo da dor, limitava-me a sorrir pouco e rir qb. A vida passada só fazia sentido para o ego que fora meu, mas já não era. Não poderia repeti-la agora. Tê-la-ia vivido da mesma forma se confrontado com idênticas circunstâncias. O presente devia ser aproveitado sem os hedonismos do passado, com a frugalidade que o meu padrão de vida me permitia, sempre otimista quanto aos melhores dias que podem sempre vir, quando menos se espera, sem nunca desesperar.

Considerava-me um privilegiado, vivi três vidas numa só. Criei três carreiras distintas que prossegui em paralelo e nada de material tinha para mostrar, mas trazia comigo uma pesada bagagem de conhecimentos e cultura que teimava em acarretar sempre que mudava de residência. Tal como George Steiner em "*Os livros que não escrevi*" não se definia politicamente, eu nunca declarava abertamente as minhas ideias políticas, nem a minha verdadeira posição. Afirmei sempre nunca pertencer a nenhum partido ou clube, e dessa forma reneguei qualquer afiliação que pudesse ter existido nos meus anos formativos. Mesmo quando visualizava os espetáculos desportivos não me deixava levar pelas emoções ou por simpatias, via friamente o que o pequeno ecrã me proporcionava e chamava àquilo o meu entretenimento gratuito. Evitava a todo o custo pronunciar banalidades e raramente subscrevia manifestos. Pelo contrário ridicularizava a impreparação dos jornalistas que debitavam decibéis em telejornais vazios de conteúdo, incitava-os a fazerem as perguntas corretas sem medo de perderem os seus empregos. Raramente via uma coluna vertical e proba naqueles escribas atuais, meus colegas de profissão, sempre de costas vergadas à censura económica dos seus patrões. Raros os editoriais ou artigos de opinião que subscrevi, pois poucos podiam escrever livremente e menos ainda os que os queriam ler. Muitas vezes no meu blogue e nas minhas crónicas, fazia análises da conjuntura mundial ou nacional usando meramente o senso comum e interrogava-me porque é que o povo à minha volta não podia ver as coisas com a mesma claridade e transparência com que eu as via.

Escolhi esta forma de isolamento, quiçá aprendido da obra de Nietzsche que fora bandeira da minha juventude revolucionária, de aprendizagens várias. Afirmei sempre prezar imensamente a incomensurável liberdade de expressão e de discussão que a revolução de abril (1974) nos trouxera. Tinha esse desprendimento próprio de quem nunca perdoava ter tido o meu primeiro livro de poesia, quase juvenil e inóspita, cortado pelo lápis azul da censura e reduzido a um terço da sua dimensão. O meu retiro no "castelo" aparentava uma passividade que não me era inerente, mas era assim que eu reagia ao desapontamento da democracia conjugado com uma utópica visão do mundo que herdei dos muitos livros que li, sobretudo na infância e juventude. Temia todos os totalitarismos e fundamentalismos, e já não receava ser acusado

de elitista. Nauseavam-me os espetáculos de voyeurismo que as televisões colocavam no ar, sem intimidades, nem privacidades, como se fosse a transposição de tudo aquilo que os malfadados formulários burocráticos haviam conservado de cada um e os resolvesse expor na praça pública para deleite geral. Uma espécie de Maria Antonieta no cadafalso para todos verem e vilipendiarem. Era similar às ações encenadas dos políticos para todos verem o que pretendiam que vissem, como se as decisões sobre o presente e o futuro do país se definissem através desse jogo de sombras chinesas ou de marionetas indonésias.

Teologicamente definia-me como ateu e não como agnóstico, mas lamentava-me de ter perdido a fé com que cresci, embora ainda hoje me limitasse a aplicar na prática todos esses bons ensinamentos. Ironizava ser mais católico do que muitos praticantes do rito romano, e de ter feito mais bem sem olhar a quem, do que muitos daqueles que se continuavam a benzer, e a ir comungar num espetáculo de voyeurismo público que me repugnava. Ao decidir ficar em casa, no meu "castelo" era uma espécie de observador neutral do mundo que se desenrolava a meus pés, ainda, e sempre, convicto de que os seres humanos podem ser iguais, independentemente do seu género ou sexo, da sua nacionalidade ou cor de pele. Estava, porém, lucidamente consciente, desta utopia, pois haveria sempre os favorecidos pela "sorte", os ricos (e quem enriquece à custa de trabalho honesto?) e todos aqueles cuja única missão no mundo era contrariar os meus arreigados princípios de probidade e dedicação a causas perdidas. Estava consciente de que a lei, qualquer que ela seja, qualquer que seja o país, está cheia de iniquidades e favorece obviamente os ricos e os corruptos e quem se "lixá é sempre o mexilhão", pois são sempre os pequenos e os incómodos que servem para dar exemplo da luta contra o nepotismo e corrupção.

Bastava nascer-se no Congo ex-belga, em Kiribati (no Pacífico Sul) ou na Terra do Fogo para as hipóteses de futuro serem radicalmente distintas daquele que nasceu no palácio de Buckingham, só para dar um exemplo dum "rapaz da sua idade". Embora não tivesse nascido com deformações ou deficiências genéticas viria a adquirir uma perigosíssima estirpe viral: a do conhecimento e da insaciável sede pelo mesmo. Aí, congratulava-me por não ter nascido cego, pobre de espírito, ou delinquente. Outra deficiência que adquirira em novo, por influência paterna, tinha a ver com a sôfrega sede do direito inalienável à liberdade de expressão e de pensamento, uma malformação congénita que me valera muitos dissabores pessoais e profissionais ao longo da vida.

Viera um dia, descendo das nuvens que pairavam sempre sobre estas ilhas, como quem não quer poisos certos e acabei por ceder ao peso das dúvidas e das dívidas. O meu andar não era tão ereto nem certo como fora em tempos, a cabeça baixa, os olhos baços e encovados do cansaço e desespero. Arrastava-me penosamente pelo calendário dos dias, sem deixar grandes marcas além das baforadas dos cigarros sorvidos sofregamente. Tinha ainda uma missão a cumprir na vida, das duas ou três que guardara para estes anos finais quando as chamas se apagavam e os sonhos esmorecidos não passavam já de memórias. Atribuía o facto à idade, embora me gabasse de envelhecer suavemente, sem pressas nem negações, mas finalmente deixei de lutar e de sonhar com as áreas vastas e os horizontes sem fim, mais típicas do meu australiano continente-ilha. Aliás, sabia que estava a ficar caduco desde aquele dia em que ao espirrar me saltara a dentadura postiça com estrondo para cima da secretária. Aqui e agora, estava tolhido pelas colinas verdes, as tais vacas alpinistas, as brutais variações climatéricas diurnas, a nesga de mar que vislumbra pela sua janela. O verde afetava-me quase tanto como a frequente falta de sol de que carecia para a função clorofilina. Obrigara-me a nunca me queixar, a estar sempre contentado sem nunca me contentar. Resignado deveria ser o termo, mas fingia que nada me afetava nem inquietava. Isto passava-se enquanto as dúvidas e os temores me assolavam, cada vez mais frequentemente, se bem que numa escala metafísica pouco consentânea com as preocupações mais comezinhas daqueles que me rodeavam.

Tomara-me taciturno, quase monossilábico, não tinha com quem dialogar, eram todos surdos em volta e falavam uma língua diferente com sotaques estranhos e quiçá incompreensíveis. Sentia-me estrangeiro. Duas vezes ao ano partilhava palavras com os meus pares ideológicos nos Colóquios da Lusofonia, mas para isso precisava de organizar esse tipo de reuniões intelectuais à custa de muita labuta e sem proveito qualquer. Perguntava a mim mesmo se era este o preço a pagar para poder falar. Sempre falara, e muito, e agora via-me calado e ensimesmado. Deixara de viajar frequentemente, como fizera toda a vida, e os locais estranhos eram visitados apenas no pequeno ecrã com que entretinha as horas que não passava a teclar.

Politicamente incorreto até à medula, sem ser libertário, raramente deixava perceber quais os meus ideários, mas nunca me cansava de falar em liberdade, em especial, a de expressão e de opinião. Falava da liberdade individual como se ela fosse mais vital do que o pão para a boca ou o dinheiro para pagar as contas. Era de opinião de que todos deviam ter a liberdade que eu (e nós próprios) temos e por isso não me coibia de dizer **não** quando o entendia, em vez de cortesmente dizer sim quando a mente me dizia não. Não pactuava com falsas noções. Era por isso socialmente incorreto quando dizia que não tinha aparecido porque não lhe tinha apetecido ir, ou quando afirmava que preferia ficar em casa, no meu "castelo" a juntar-se às proles.

Aliás, sem cerimónia dizia que me custava estar no meio de multidões, e havia já escrito em 1972 no meu primeiro poema que abria o volume de poesia [Crónica do Quotidiano Inútil] “

-- 11 h.

A correr do café com leite para o elétrico torrado.

Palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.

-- Quinze tostões.

Direito a empurrões, pisadelas.

O pó é grátis

por vezes, o cheiro da democracia custa a engolir...".

Devia ser uma ideia premonitória, dado que quando o escrevera ainda não vivera a democracia, pois decorria então a dita primavera marcelista estiolada que foi o estertor do Estado Novo salazarista. Mas é sempre difícil os outros aceitarem estas declarações verdadeiras e honestas, ninguém gosta de saber que alguém não quer estar connosco e prefere ficar sozinho. Não aceitam que seja preferível uma pessoa ficar em paz e sossego consigo mesmo, essa coisa banal que se resume a estar consigo mesmo e não com os outros.

Há momentos para tudo, para estarmos connosco e momentos para estarmos com os outros. Era dessa liberdade que falava e que procurava, quando não estava bem com algo, não deixava que isso me atormentasse e punha termo ao

mal-estar. Mesmo que isso implicasse os outros sentirem-se aparentemente ofendidos e tristes por se preferir a companhia deles ao silêncio dum teclado a ser martelado suavemente com ideias. Era dessa liberdade que falava e era essa liberdade individual que prezava mais do que tudo. Era avesso a todas as formas de dirigismo ou de manipulação, queria decidir por mim mesmo, ainda que inconscientemente estivesse a ser manipulado ou influenciado pelo que lia e ouvia.

Já tinha sido assim quando me proibiram de fumar em locais públicos australianos no fim da década de 80 e depois quando em Portugal a mesma cegueira protecionista da saúde se abateu sobre cafés e outros locais em janeiro de 2008. Para mim tratava-se de mais um fundamentalismo que não estava disposto a aceitar. Se as minhas idas ao café já eram pautadas por períodos limitados a mero conjunto de segundos, frações minúsculas de minutos, estes passaram a ser mais curtos ainda, pois embora habitualmente não acendesse um cigarro após o café, passei a acendê-lo apenas para provar que o podia fazer quando queria e não quando os outros deixassem. A minha relação com os outros era sempre problemática e resumia-se à minha aversão pelos ditames alheios. Fora assim com a autoridade paternal, com as autoridades militares no decurso da minha vida como oficial do exército e no decurso da minha vida profissional. Era avesso aos “carneiros” e talvez por isso mesmo acabaria por casar com uma pessoa desse signo.

Despeitava a inveja alheia, noção que me era alienígena, pois invejava nada ou ninguém. Criticava os outros pela fachada que mantinham, pelos estereótipos com que se regiam: conversas balofas e mesquinhas, sem profundidade. Ansiava por conversas profundas, preferia argumentos “intelectuais” ou até mesmo “pseudointelectuais” em que se esgrimissem argumentos, ideias e propostas concretas de melhorar o mundo, pois isso nem a sociedade, em si, nem os políticos, em especial, se encarregariam jamais de fazer. Acreditava que podia marcar a diferença e começava as revoluções em casa.

Deixei sempre aos filhos a liberdade de escolherem a sua vocação religiosa quando tivessem idade, nunca ia à missa só porque sim, como o meu pai fizera sempre, acompanhando religiosamente a minha mãe, essa sim praticante dessas coisas do culto da missa. Os tempos eram outros e não havia já aquele estigma forte de se ser um não-praticante ou um não frequentador de missas. De qualquer modo acreditava ser coerente. Ao contrário dos meus pais, que raramente me deixavam usar o telefone, cedo coloquei telefones nos compartimentos todos da casa para que o filho mais novo pudesse falar ao telefone ou usar a internet, com moderação. Lembrava-me ainda do tempo em que o telefone tinha apenas trinta centímetros de fio e uma pessoa tinha de ficar ali agarrada aquele pedaço de baquelite preto a falar por monossílabos, com o resto da família perscrutando as ondas e o éter a conjecturarem toda uma conversa que se queria privada. Mais tarde, inventei um sistema com um fio de extensão do telefone que se ligava na tomada e dava para esticar o aparelho pelo resto da casa. Fosse onde fosse que me fechasse: no quarto, na casa de banho, na varanda, já podia falar com privacidade, mas só o fazia de noite quando os pais já dormiam para poder falar longamente... infelizmente o filho tinha um desprezo para com o telefone igual ao que ele agora sentia por esse meio de comunicação retrógrado e que raramente utilizava por prazer. Mais voltado para as novas tecnologias e um típico autoensinado, o filho desfazia-se em digressões e divagações tecnológicas cibernéticas sempre em busca de descoberta do Santo Graal mesmo que não o soubesse nem sabendo bem o que procurava.

Nasci em 1949, fruto dum pós-guerra que abalou profundamente os alicerces da minha família. De abastada em 1906 e possuidora de três carros durante a 1ª Grande Guerra, pouco se via da velha família com laivos de nobreza. A família sobreviveu mal à Grande Depressão de 1929 com grandes perdas financeiras e a sua redução a uma mera burguesia “cheia de pergaminhos nobres, mas sem cheta” como soía dizer-se então. Embora crescessem a falar francês, inglês, italiano ou castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza. Tinha, também, muito orgulho no apelido Meira, cuja origem descobri ser muito antiga.

Família que tomou o apelido de Meira no bispado de Tui (Galiza) o mais antigo que se conhece é Rodrigo Afonso de Meira, senhor do solar de Meira. Mais tarde Gonçalo Pais de Meira, alcaide de Guimarães que, com seus filhos, organizou a defesa da praça, ao serviço da Corte de Espanha, livrou do cerco a cidade de Guimarães no ano de 1369.

Dizia a lenda que saíra da nossa posse um Palácio na Galiza, por um tio-bisavô do lado Meira, que se recusava a tornar espanhol e por isso perdeu todas as propriedades em Espanha dado que os não-Espanhóis estavam então proibidos de possuir terras e bens. Mas a sua verdadeira identidade nunca descobri nem encontrei ligação nossa do lado Meira (radicado em Afife, mas originário de Lugo, Santa Maria de Meira) nem desse antepassado que alegadamente havia sido o dono do Pazo de Meirás em El Ferrol, que é um Palácio de Verão pertença da Coroa espanhola, mas só muito mais tarde vim a descobrir que parecia nunca ter havido ligação nenhuma a esse Palácio de Verão que o ditador Francisco Franco “anexara” na década de 1930 e do qual usufruía por 36 verões consecutivos e que hoje recusam devolver ao estado.

Embora crescêssemos com a capacidade de falar castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza.

As origens de outro ramo da família datam de 960 d.C., anteriores a Afonso Henriques, a cujo aio judeu estavam ligadas pelo casamento da filha de Egas Moniz, ou seja, anterior à formação do próprio Condado Portucalense e de Portugal.

No que diz respeito ao apelido este originou-se com D. Sancho Nunes Barboza, senhor da Quinta de Barboza, na terra do mesmo nome. Era seu solar a Quinta de Barbosa, no termo do Porto, donde tomaram o nome, no lugar de Barbosa, na freguesia de S. Miguel de Rãs (Penafiel, Norte de Portugal). Segundo Miguel de Sousa (in “As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas”, SporPress, 2001), os Barbosas foram uma importante família nobre portuguesa no século XII, mas que entrou em decadência nos séculos XIII e XIV. D. Sancho Nunes Barboza era descendente de D. Nuno Guterres, aliás Conde D. Nuno de Cela Nova, filho do Conde D. Teobaldo Nunes, um dos mais ilustres e valorosos cavaleiros do tempo do rei D. Bermudo II de Leão. D. Nuno era irmão de S. Rosendo, famoso bispo de Dume no ano de 925. Este nome pode ter sido documentado muito antes da data mencionada acima. Apelido português toponímico, indica um lugar onde há muitas barbas de bode ou barbas de velho (espécie de planta). Como topónimo, José Pedro Machado (in Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa) considera que Barbosa é originalmente um adjetivo na expressão «(terra) barbosas», isto é, «(terra) onde haja abundância de plantas chamadas barba» (ver barba no Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, de António de Morais Silva, 2.ª edição).

A ligação ao título de Conde de Celanova permaneceu na família durante gerações, mas por razões que não vêm ao caso já não estão atuais. Havia também uns primos direitos, mais velhos do que eu, nascidos no Brasil e lá residentes, que queriam o título, a que legitimamente tinham direito por consanguinidade e hierarquia. Passados os dias difíceis da Grande Depressão quando o meu avô morreu (1930) em que terrenos, casas, propriedades e fábricas foram sucessivamente roubados por outros membros da família ou perdidos na voragem da bancarrota, a família sobreviveu à Segunda Grande Guerra.

A Quinta do Cabeço em Afife foi uma das perdas mais sentidas pelo meu pai. Cheguei a conhecer as suas casas de infância, uma na Rua Visconde de Setúbal e Rua da Regeneração (atual Rua João das Regras, onde está um tribunal agora), mas as casas de verão na Foz e Matosinhos onde passavam o Verão já não as conheci. Consta que alguns

membros da família (em especial um cunhado que era contabilista do meu avô) a quem dera apoio com trabalho e benesses foram os que mais se aproveitaram dele estar em maus lençóis.

Ainda viríamos a herdar algo que eles deixaram por não terem descendentes). Com a derrocada financeira e subsequente morte do patriarca viria a impossibilidade de o meu pai acabar o liceu e ter de se resignar a acabar os estudos numa Escola Comercial, tendo cedo começado a trabalhar nos escalões inferiores duma multinacional norte-americana¹. Entretanto, de tenra idade o meu tio, irmão mais velho do pai, emigrou para o Brasil (teria uns 7 ou 8 anos, por volta de 1918) com um tio-avô que ali fez fortuna e deixou descendentes que ainda hoje continuo a descobrir.

Segundo consta, e era tradição oral, o meu pai escandalizou o resto da família e teve de arcar com um certo e duradouro ostracismo. Casara em 1948, segundo o culto católico romano, com uma mulher trabalhadora, noção de todo herege aos olhos do conservadorismo familiar, cheio de pergaminhos, de manias de aristocracia (falida) e sangue azul. Dir-se-ia que nascera, assim, no seio duma atmosfera hostil. A minha mãe era professora primária numa altura em que mais nenhuma mulher (na família do meu pai) trabalhava ou sequer pensava nessa hipótese. Eram, então, todas as restantes mulheres da família de seu pai respeitáveis donas de casa, com tradições a venerar e manter, enquanto tocavam piano e falavam francês, segundo o provérbio popular. Era às criadas que competiam as tarefas de cuidar das crianças, educá-las, ensiná-las, enquanto outras colegas mais qualificadas se encarregavam dos trabalhos domésticos divididos por tarefas como limpezas e cozinha. Aos pais do sexo masculino (nessa altura, os pais eram ainda apenas um de cada sexo) competia trabalhar, manter o bom nome da família, e prover a todas as necessidades (expressas ou não) desta

Do meu lado materno viriam os apelidos Menezes, Madureira, Rodrigues, Magalhães, Moraes e Alves todos consignados ao distrito de Bragança.

Ali teriam toda a sua ancestralidade, ligada entre outros a Dom Nuno Álvares Pereira (1360-1431) descendente de Desidério, último rei dos lombardos, que tentou invadir Portugal e tomar a Galiza em 740 (D. Afonso I). Os Pereira estabeleceram-se em Trastâmara antes da chegada dos mouros. Eram senhores do Castelo de Lanhoso. Aos 16 anos casou com D. Leonor de Alvim, um casamento de conveniência. Deixou descendência a quem D. Duarte deu o título de Duques de Bragança.

Nunca vi a clarificação dessa ligação genealógica à família da minha mãe e mantinha-me cético em relação à mesma. Já não havia dúvidas quanto ao resto da família embora me intrigassem alguns relatos de que um meu bisavô materno teria sido cónego, casado e pai de filhos, mas também aí nunca descobri a confirmação do sacerdócio desse antepassado, embora houvesse muitas dúvidas matrimoniais não-consubstanciadas em documentos.

Como poucos na família se interessavam pelo assunto e como havia uma política de silêncio profunda, os poucos dados de que dispunha fui-os arranjando na fase monárquica da juventude quando passava as férias nas aldeias transmontanas em busca de histórias e lendas de família. Parecia não restar dúvida, quer pelas imagens quer pelo resto, de que se tratava de uma família (pelo lado materno) com inúmeras ligações a judeus novos ou marranos. Renegados por todas as gerações até aos meus dias, havia os nomes típicos de cristãos-novos como Ester (hebraico: estrela) e Jesuína (latim: aquela que crê em Jesus) que não deixavam grandes dúvidas, a menos que se ignorasse a etimologia dos mesmos. Seriam um peso grande a acarretar durante a vida estas heranças genealógicas das quais só viria a libertar-se muito mais tarde.

Rompendo com a tradição iria ajustar a minha identidade à persona que aceitei como meu alter-ego e com a qual teria de coabitar para o resto dos dias. A minha mulher jocosamente comentara um dia que o meu grande problema existencial era saber qual dos dois venceria o duelo, eu ou o meu alter-ego. Fora importante esta dicotomia para definir a minha personalidade, independentemente das heranças genéticas e outras. Sempre quisera construir o meu rumo sem transportar o peso morto das expectativas, e uma albarda cheia de nomes como alguns membros da família chamados – por exemplo -Alberto Eduardo Miguel Carlos Manuel Filipe José Pedro Arcanjo Francisco e seus respetivos apelidos. Cingir-me-ia, por exemplo, às iniciais JC ou JCC tomadas no seu sentido mais lato como as do filho do deus dos cristãos. Não seria isto mais uma demonstração da minha não-aceitação de destino marrano, e a necessidade de reafirmação da minha cristandade?

Em minha casa no Amial, viviam os meus pais, a minha avó paterna, duas irmãs de meu pai ainda solteiras e a tia-avó Orbela (então separada ou já viúva) que faleceria dois anos depois. Os meus pais levantavam-se muito cedo para irem trabalhar e eu ficava a cargo da empregada e da minha avó, que eu sempre considerei uma pessoa adorável e terna, mas que nunca trabalhara um dia em toda a sua vida e jamais se capacitara de que a família não era rica como dantes.

Vivia num mundo seu, encapsulada num vórtice temporal que nunca transcendeu. Os primeiros quatro anos da minha vida eram preenchidos por longos passeios pela Estrada da Circunvalação Interna no Porto, pois vivíamos no Bairro Garantia, Vivenda Estremadura, na Rua do Amial, mesmo junto a essa saída de portas, antiga barreira fiscal que impedia a entrada e saída de pessoas desse burgo que era o Porto. A casa ainda existe e aparte uma pintura exterior não parece ter mudado nada desde que de lá saímos. No entanto absteve-me de ir bater à porta e pedir para visitar o sítio onde passei os primeiros anos de vida, como quem parte em busca de soluções para problemas que desconhece, ou em busca de pistas para a minha maneira de ser conturbada.

As lembranças dessa época são mais decorrentes das fotos que vi e das quais retive ou recriei uma memória dos eventos por via fotográfica. O que mais persiste na lembrança, e disso não vi fotos, é o enorme fogão a lenha que havia na cozinha e o hábito de a minha avó tomar ao lanche um chá com leite, o chá inglês como ela lhe chamava e que por vezes me convidava a acompanhá-la. A casa tinha dois quartos para a frente, dois laterais, além da sala de jantar e cozinha. Se bem que tenha uma vaga recordação da maior parte dos quartos e da sala e cozinha, há dias interrogava-me onde estava localizada a mobília de escritório do meu avô, que o meu pai herdou.

A minha avó tinha no quarto de dormir uma pianola onde se entretinha a tocar e que mais tarde deixou de fazer parte da nossa mobília quando mudámos. Foi para casa da minha tia (irmã mais velha do meu pai) porque a minha mãe achava que era um "mono" demasiado grande para um apartamento e como não era dada às músicas viu-se livre da pianola e mandou a minha avó tocar em casa dos outros. Ainda está em casa deles.

Na casa do Amial havia uma criada ou "sopeira" como era vulgo conhecida em calão da época (nome usual na época, antes de se passarem a denominar empregadas domésticas, ou auxiliares de serviços domiciliários) que nos acompanhou na mudança e, mais tarde, casou de nossa casa para emigrar para França. Quando regressou de férias, tinha eu sete anos servi de padrinho ao filho dela, meu único afilhado o José Alberto Cortez que nunca mais vi e deve ter cinquenta anos... e a única coisa que o padrinho lhe deu foram os dois nomes...pequena herança.

¹ (Mobil Oil, então chamada Socony Vacuum pela junção em 1931 da Standard Oil Co. de Nova Iorque (Socony) e a Vacuum Oil Co. Em 1955 tornou-se Socony Mobil Oil Co., e em 1963 Mobilgas, ou Mobil Oil, que finalmente em 1999, foi adquirida pela Exxon)

Começo com a constatação do dia: o ateísmo não preclui a aparição de dores nas cruzes. A contestação do dia é a mesma de sempre, fim ao capitalismo selvagem que, aliado ao eugenismo e malthusianismo decidiu estragar ainda mais este mundo em que vivo, vai para 65 anos. O proverbial otimismo consubstanciado na celebrada frase minha "se estou vivo, não me queixo," infelizmente já começa a demonstrar sinais de extrema fadiga, que já não podem ser atribuídos ao inverno rigoroso que se abateu sobre os Açores.

A continuada crise de saúde na família tem minado tal otimismo, já de si abalado pelo "passe-vite" governamental que a todos espreme, a fim de proporcionar aos donos do mundo uma paste disforme de carne picada, de escravos sem voz nem querer na qual me não revejo. Sempre trabalhei, fui criador e produtivo. Creio na justa remuneração e não neste alinhamento pelo menor denominador comum. Creio que os improdutos e incompetentes deveriam ser obrigados a terem formação pessoal e profissional adequada e só depois disso deveriam ser dispensados, em vez de se manterem gestores, professores e políticos improdutos e néscios. Perguntará o leitor menos esclarecido por que razão incluo professores nesta citação, correndo o risco de repetir a mensagem que deixei nos livros Crônicas nascidos destas crônicas: os professores, capazes, bem formados e competentes, são a única base sustentável de um povo democraticamente esclarecido e produtivo. Sem educação não há país. Sem eles criaremos, cada vez mais, ditaduras de países irrelevantes, por mais importantes que aparentem ser no dia-a-dia. Pequenos e irrelevantes países de gente inculta e ignorante predestinada à escravidão.

Uma das razões pela qual deixei a prosa descansar nos longos meses de hibernação deve-se ao facto de não ter digerido bem a constatação de que a realidade virtual em que vivemos há muito excedeu a ficção e os efeitos especiais com que nos bombardeiam diariamente para nos fazerem crer que afinal existimos. A realidade, porém, é outra, (seria mesmo cómica se não fosse trágica). Vejamos .

137.1. MONSANTO ACQUIRES RIGHTS TO THE SUN

CREVE COEUR, MISSOURI, June 30 — in a ground-breaking move, Monsanto, a multi-national biotechnology corporation, acquired rights to the sun in a 5-4 decision by the U.S. Supreme Court.

The decision, led by Clarence Thomas, was hailed by Monsanto President and CEO Hugh Grant as "good news for food producers, food consumers, and the future of humanity."

Monsanto is known worldwide for its Roundup brand, an herbicide that works in conjunction with genetically engineered seeds.

The decision allows solar energy used by Monsanto-crop farmland — including solar panels, wind turbines and the like — to be taxed at a rate of 10% per kilowatt hour.

Approved in an unprecedented three months, the law will go into effect January 1, 2013. Companies, organizations and individuals currently using Roundup products will receive one free year of sunlight before the 10% tithe is active.

According to the new regulation, any action to "store, reuse or redirect" sunlight will be a prosecutable offense unless authorized by Monsanto.

Failure to comply with the law may result in a visit by Monsanto's secretive "Watt" Police. Monsanto typically uses lawsuits or the threat of lawsuits to bring compliance.

"We feed the world," Grant says, "anyone caught stealing sunlight from us is stealing food from the mouths of millions."

Falta perguntar a que divindades pagaram eles esse direito universal, depois de terem patenteado a vida, de inserirem genes na nossa cadeia alimentar e agora raptarem o sol de que depende toda a vida na Terra, para o calor e a fotossíntese. Os EUA já se tinham declarado donos da Lua, agora esta companhia que nos mata e geneticamente nos reprograma em todos os cantos do mundo quer tomar conta do sol?

137.2. A DOR DO ABANDONO...

Há dias, António Quintela transcreveu um texto que aqui adapto:



Era uma manhã de sol quente e céu azul, quando o caixão contendo um corpo sem vida foi baixado à sepultura.

De quem se trata? Quase ninguém sabe. Poucas pessoas acompanham o féretro. Ninguém chora. Ninguém sentirá a falta dela. Ninguém para dizer um adeus ou até breve.

Depois de o corpo desocupar o quarto do asilo, onde aquela mulher passou boa parte da sua vida, a responsável pela limpeza encontrou numa gaveta ao lado da cama, umas anotações.

Um diário sobre a dor... a dor que sentiu por ter sido abandonada pela família num lar para idosos... Talvez o sofrimento fosse muito maior, mas as palavras só permitiram extravasar uma parte desses sentimentos, gravados em algumas frases:

Onde andarão meus filhos? Aquelas crianças sorridentes que embalei no meu colo, que alimentei com o meu leite, de que cuidei com tanto desvelo, onde andarão?

Estarão tão ocupadas? Talvez não me possam visitar, nem ao menos para me dizerem olá, mãe?

Ah! Se soubessem como é triste sentir a dor do abandono...

A mais deprimente solidão... Se ao menos pudesse caminhar... Mas dependo das mãos generosas destas moças que me levam todos os dias para tomar sol no jardim... Jardim que já conheço como a palma da minha mão.

Os anos passam e os meus filhos não entram por aquela porta, de braços abertos, para me envolver com carinho...

Os dias passam... E com eles é a esperança que se vai... No começo, era a esperança que me alimentava, ou eu a alimentava, não sei... Mas, agora...

Como esquecer que fui esquecida?

Como engolir esse nó que teima em ficar na minha garganta, dia após dia?

Todas as lágrimas que chorei não foram suficientes para desfazê-lo... Sinto que o crepúsculo desta existência se aproxima...

Quería saber dos meus filhos... Dos meus netos... Será que ao menos se lembram de mim? A esperança, agora, parece estar atrelada aos minutos... Que a arrastam sem misericórdia... para longe de mim...

Às vezes, em sonhos, vejo um lindo jardim, que transcende os muros deste albergue e se abre em caminhos floridos que levam a outra realidade, onde braços afetuosos me esperam com amor e alegria...

Mas, quando acordo, é a minha realidade que vejo... Que vivo... Que sinto... Um dia alguém me disse que a vida não se acaba num túmulo escuro e silencioso...

Que a vida continua após a morte, de uma outra forma... Mas com certeza a minha matéria, a minha mente, o meu eu dessa vida que vivo agora, com o nome que tenho... Nunca mais existirá!

E quando a morte chegar, só restará a saudade que com o passar do tempo se ameniza... (se é que alguém vai sentir saudade de mim, já que não sentem enquanto ainda estou viva neste asilo...)

Sinto que a minha hora está chegando...

Depois de partir, gostaria que alguém encontrasse estas minhas anotações e as divulgasse.

E que elas pudessem tocar os corações dos filhos que internam seus pais em asilos, e jamais os visitam...

Que eles possam saber um pouco sobre a dor de alguém que sente o que é ser abandonado...
Pensai que a cada pai e a cada mãe Deus perguntará: O que fizestes do filho confiado à vossa guarda?
E aos filhos: O que fizestes aos vossos pais?
AMO OS IDOSOS.

137.3. VEJO MUITA GENTE SÓ.

Também recentemente escrevia Miguel Gameiro:

Nas ruas, nos cafés, nos supermercados...gente anónima, discreta, que se esconde nos cantos do silêncio porque simplesmente já não está lá ninguém para as ouvir.

Gente que ansiosamente procura um olhar direto, apenas para uma conversa de circunstância...um minuto de companhia...pode ser sobre o tempo, o futebol ou sobre a reforma que desapareceu...

Gente que se tornou fria, rude, porque a vida se encarregou de lhes tirar o resto. Os filhos que tiveram de partir à procura de um futuro, os outros que ficaram, mas que não querem saber...a solidão é uma merda.

A verdade escamoteada é que andamos todos sós e olhando em volta não há mais ninguém, só a nossa imensa solidão, que nos consome até darmos conta de que a história narrada podia bem ser a nossa autobiografia.

E não é única, nem um caso isolado. Repete-se em todos os pontos do globo com uma cadência, cada vez mais ritmada, pontuada, aqui e ali, pelo telejornal que dá conta de mais um/a idoso/a descoberto apodrecido no seu lar, meses após a sua morte.

Que sociedade injusta e impiedosa vi crescer enquanto mantive os princípios sagrados de família que os meus pais me inculcaram, tal como antes os meus avós, bisavós e trisavós tinham feito.

Será que os esforços de séculos de todos os meus antecessores na família vão terminar com esta geração. Seremos nós os últimos dos que ainda se preocupam, amam e cuidam dos seus?

Onde teremos falhado se inculcamos os mesmos valores com que fomos criados? Agora que já ninguém os segue nem lhes presta atenção...

Escrevi num dos livros CrónicaAçores:

Animais de hábitos, repetimos percursos e tradições que nos permitam qualificar na classe em vias de extinção, a dita família. Já na Austrália me queixava de desgostar de 3% do que me rodeava, que era a falta de vínculos familiares da maioria das pessoas, mas deparo-me hoje, em Portugal, com idêntica evolução, o dito progresso, que a todos consome e derrama gotas de ácido corrosivo em tecidos centenários que gerações perpetuaram, umas atrás das outras sem se questionarem.

Portugal sempre teve esta tendência suicida de copiar tudo o que de mau vem de fora.

137.4. LUSOFONIAS E LUSOFOLIAS

Enquanto isto os países da Lusofonia (CPLP) sempre sedentos de protagonismo pelas piores razões avançam para admitir no seio de observadores a Guiné Equatorial (ex-espanhola) em troca dos seus petrodólares, esquecendo décadas de tortura. Que importam as torturas? se eles prometem vir a falar Português? Esta a mensagem subjacente sem jamais mencionarem a pátria galega de onde nasceu a língua que falamos, para não ofenderem os reizinhos de Espanha e o seu projeto aglutinador de nacionalidades, naquilo a que se convencionou chamar o Reino de Espanha e mais não é do que o feudal castelo de Castela? Os galegos não podem entrar na CPLP, ainda não descobriram petróleo embora já falem português. De nada serviram os esforços da AICL e dos seus Colóquios da Lusofonia desde 2010? (ver crónica 110). Como republicano australiano resta-me repetir «God "Shave" the Queen» e esperar o mesmo desta CPLP que repudio e à qual não quero pertencer. Não serei só eu, mas somos poucos, insuficientemente poucos, capazes de se orgulharem das suas raízes ancestrais de língua e cultura. O dólar (ou outra qualquer divisa) fala sempre mais alto.

137.5. COCAÍNA NO SUPERMERCADO. ESTE POVO NÃO PRESTA

E enquanto me preocupava com este problema, capaz de acelerar o crescimento de cãs na minha fronte, cada vez mais desnuda de apêndices capilares, descobriu-se por todo o país que as bananas do hipermercado Lidl estavam embaladas com enormes doses de cocaína, o que provocou enorme frêmito e genica à afamada Dona Firmina.

Sinto-me cheia de energia hoje, cacete!

Fui ao Lidl cedinho, trouxe bananas porque estava tudo a comprá-las e comi uma no caminho.

Depois fui ao mercado, à peixaria e ao sapateiro e estou em casa agora.

Vou fazer o almoço, aproveitar e faço já o jantar, o almoço de amanhã e se calhar deixo já preparada uma marinada para o fim de semana.

Enquanto as batatas cozem aproveito e tricoto uma camisolinha para o meu neto.

E tenho ainda tanta coisa por arrumar, hoje vai tudo a eito.

Lavar os tetos, arredar móveis e bater tapetes.

Está um belo dia para atividades do lar.

Vou comer mais umas bananas que são mesmo boas...

Quase em simultâneo o meu amigo José António Salcedo escrevia:

Pelos montes do Gerês ecoam as músicas pimba emanadas das capelas com instalações sonoras potentes, numa manifestação inadmissível de imbecilidade coletiva, embora as gentes locais possam imaginar que é abençoada pelos seus deuses.

Como gosto de referir, "A delusion is a delusion".

Imagino que o volume do som seja ajustado tendo em conta a elevada distância que as superstições locais consideram existir entre cada capela e o 'céu' onde pretenderão ver os deuses a dançar.

Por mim, imagino os deuses com rolhas enfiadas nos ouvidos e faço planos para o meu regresso à Noruega, onde o silêncio e a limpeza em Natureza são valores essenciais da sociedade, contrariamente ao que ocorre no Minho, onde nem uma coisa nem outra são apreciadas e, muito menos, mantidas.

Como concordo, citarei agora Zack Magiezi:

"Causa mortis: traumatismo craniano. Fruto de mergulho profundo em pessoas rasas."

Seria esta a mensagem lapidar para o povo deste país que apesar da educação se ter massificado continua generalizadamente ignorante, inculto e abúlico como já Eça de Queirós o definia há mais de cem anos:

Acabava de entrar o ano de 1872.

O ano novo interrogava o ano velho.

- Fale-me agora do povo; pedia o ano novo.

- É um boi que em Portugal se julga um animal muito livre porque não o montam na anca e o desgraçado não

se lembra da canga; respondeu o ano velho.

- Mas esse povo nunca se revolta? Insistia o ano novo espantado.
- O povo às vezes tem-se revoltado por conta alheia. Mas por conta própria, nunca; respondia o velho.
- Em resumo, qual é a sua opinião sobre Portugal? Numa derradeira questão.
- Um país normalmente corrompido, em que aqueles mesmos que sofrem não se indignam por sofrer.

Este diálogo deve-se a Eça de Queiróz, o mesmo que escreveu sobre o Portugal de então:

O povo paga e reza. Paga para ter ministros que não governam, deputados que não legislam (...) e padres que rezam contra ele. (...) Pagam tudo, pagam para tudo. E como recompensa dão-lhe uma farsa.

Estávamos, então, em 1872. Estamos a falar evidentemente do povo português. A “raça abjeta” congenitamente incapaz de que falava Oliveira Martins.

Este povo cretinizado, obtuso, que se arrasta subjugado, sem lamúrias (a não ser à mesa do café enquanto vê o futebol pois a crise não lhe permite ter TV Sport em casa), sem um lamento, sem um gesto de rebeldia, tão pouco de raiva (nem que seja surda) e muito menos de revolta. Um povo que se deixa levar, indiferente e passivo, por políticos sem escrúpulos, mentirosos congenitamente compulsivos, e por múmias silentes, em estado adiantado de decomposição mental, rodeadas de pompa e circunstância e dezenas de servís conselheiros pagos a preço de outro para bajularem. Afinal, a solução dos seus problemas poderia ser bem simples, a desobediência civil que deitaria abaixo esses castelos de cartas nas nuvens tal como Miguel de Vasconcelos caiu pela janela.

Miguel fizera, o que é narrado na história do país (mas poucos conhecem) desde tempos imemoriais, em crise, alinha-te com o vencedor.

Assim foi sempre, nas milhentas guerras com o reino de Castela, com a subjugação à douta inquisição e no silêncio cúmplice do salazarismo.

Os pobres (de espírito) alinhavam sempre com os que pareciam ter o poder e assim os legitimavam. Sempre comeram e calaram, gratos pelas migalhas, ou moedas que os senhores feudais jogavam pelas seteiras do castelo quando a turba suplicava por tais migalhas para enganar a fome.

Este povo inventou a padeira de Aljubarrota, a Maria da Fonte, a Velha da Ladeira (guerras liberais, em São Miguel, nos Açores) e outras figuras lendárias para escamotear o facto de se tratar de uma população perenemente amodorrada e crassa, capaz de aceitar todos os sacrifícios. Basta atentar na lenda das tripas na defesa de Portucale. Povo de chapéu na mão, e espinha dobrada até a fronte beijar o chão que os senhores feudais, que sempre o espoliaram, pisam, antes de recuarem, gratos e venerandos pelas migalhas, bendizendo a generosidade dos seus donos.

Eu vivi nesse país, nesse “sítio” de que falava Eça, nessa “piolheira” a que el-rei Dom Carlos se referia (um país de bananas governado por sacanas), também eu fui governado por gente como o douto Conde de Abranhos “Eu, que sou o governo, fraco, mas hábil, dou aparentemente a soberania ao povo. Mas como a falta de educação o mantém na imbecilidade e o adormecimento da consciência o amolece na indiferença, faça-o exercer essa soberania em meu proveito ...” Ontem como hoje. O verdadeiro esplendor de Portugal.

É por estas e outras que eu e tu, meu caro José António Salcedo, seremos sempre parte intrínseca de uma elite pensante e culta, em total desacordo com quem vota os destinos do país e não adianta uma pessoa queixar-se. Se os ateus - como eu - têm dores nas cruzes, não devemos dizer “a culpa é do tempo”. O tempo está bom, nós é que estamos mal... Ah! Esta eterna mania portuguesa de culpar sempre os outros. Por outro lado, é verdade que não nos devemos autodiagnosticar com baixa autoestima ou depressão quando estamos rodeados por idiotas. É como aquela alegoria de que toda a gente fala de amor, mas poucos sabem amar...e é isso que nos falta hoje em dia, a capacidade de amar, a capacidade de acreditar (em nós apenas, que dos outros sabem eles). Sabes, José António (Salcedo), isto das Festas e da fé, é um assunto complicado e mesmo sem música pimba – atualmente indissociável das mesmas – é um tormento.

PS: quando cheguei aos Açores, há uma década, analisei assim o que aqui se passava em termos de Festas religiosas (respigado de CrónicaAçores, uma circum-navegação, volume 2) como se pode ler em [Crónica 21](#).

CRÓNICA 138, DA SOCIEDADE DA SOLIDÃO ÀS MEMÓRIAS PROTETORAS DA JUVENTUDE, (1/2014) 5 JULHO – 138.1. CONFLITO DE GERAÇÕES

Vimos na anterior crónica como se vive numa sociedade alienada em que as pessoas não passam já de meros algarismos nos logaritmos de riqueza das elites dominantes.

Este é o atual confronto geracional entre os princípios em que uma pessoa cresce, a análise fria da realidade circundante, e a constatação de que nada é como era.

Os princípios que sustentam a casa das nossas vidas deixaram de ser moeda corrente para a maioria da população.

Os anos passaram e tememos os novos paradigmas, sinal evidente de envelhecimento, da insegurança, quando os filhos e os netos não nos dão a sensação de amparo que sempre déramos aos nossos pais e avós.

É o tal conflito de gerações exacerbado por um extraordinário crescimento tecnológico que muitas vezes o cérebro e o coração nos impedem de acompanhar.



Tememos ficar para trás, sermos descartados. Há quem fale em mudança de paradigma económico (Ministra da Economia de Portugal, julho 2014) pretendendo, simplisticamente, significar alterações que diminuem direitos humanos e laborais.

O verdadeiro paradigma proposto pelo Papa Francisco, é radical: quem está desempregado, perde a dignidade humana.

Esquecidos, porém, estão os veteranos de guerra desempregados e com doenças físicas e mentais cujo custo de tratamento é bem superior ao das guerras em que tomaram parte.

É este o mundo cão em que vivemos. Um mundo em que a imprensa passou a entreter em vez de informar e onde o voyeurismo impera, lado a lado com a impudicícia, em que tudo é legítimo com vista à obtenção de uma qualquer mais-valia nem que seja um copo à borla (veja-se adiante a recente divulgação de uma prática abjeta de aviltamento e degradação).

138.2. PENSA QUE JÁ VIU TUDO? THINK AGAIN.

El "mamading" se instala en Magaluf - www.mallorcadiario.com - La zona de Magaluf es un epicentro de juerga y desmadre de jóvenes turistas que durante el verano se instalan en el núcleo turístico de Calvià para pasar unas inolvidables vacaciones.

La zona no deja de inventar formas de atraer más y más jóvenes y este año se ha instaurado una nueva modalidad en los bares de la zona de Magaluf. Es el "mamading". Una práctica que lleva a las mujeres a realizar un concurso por el que deben hacer un número determinado de felaciones a los hombres presentes en el bar/discoteca en un mínimo de tiempo. La que consiga sumar el número mínimo de éstas consigue barra libre en el local durante todo el tiempo que duren sus vacaciones.

mallorcadiario.com ha podido acceder a uno de los vídeos grabados durante uno de estos "concursos" en el que se puede observar como una joven se desplaza por el local en busca de hombres a los que practicar una felación con la que conseguir sumar el número que le han solicitado para así poder acceder a todo el alcohol que quiera durante su estancia en Mallorca. Según informaciones recogidas por mallorcadiario.com, esta es una práctica que se está extendiendo de forma vertiginosa por varios locales de los que este digital conoce las identidades ya que no es una nueva modalidad que lleve a la práctica un sólo local.

138.3. RECORDAR TORGA

Do mundo em que li e cresci assomam à memória estas palavras de Torga:

Coimbra, 5 de julho de 1949 –

Dizer tudo. Contar tudo. Passar para o papel a verdade inteira, sem deixar dentro da alma o mais pequeno segredo.

No artista, até as contos do alfaiate interessam». Estes críticos esquecem-se de que os escritores são homens. Julgam que somos máquinas de varrer as imundícies dos outros e as nossas.

Dizer tudo, dizemo-lo nós, duma maneira ou doutra. Mas dizemo-lo como queremos, numa confissão que não tem direção, nem regras.

Um escritor como Eça de Queirós, o mais pudico dos nossos artistas – tão pudico que até as inofensivas intimidades da sua vida cobria dum véu literário –, não teria dito tudo? Ficaria dele algum segredo escondido? Alguém precisa ainda de saber mais?

Miguel Torga, Diário V

138.4. EÇA

Por seu turno, Eça de Queirós propôs-se a fazer um inquérito à sociedade portuguesa, "pintando-lhe cruamente e sinceramente o feio e o mau, e não podendo na sua santa missão da verdade ocultar detalhe nenhum por mais torpe". À semelhança do que Gil Vicente fizera há alguns séculos, o inquérito queirosiano tinha como finalidade criticar a sociedade para a corrigir. É o próprio autor que afirma:

"O que eu quero fazer é dar um grande choque ao porco adormecido (refiro-me à pátria). Você dirá: qual choque, ingénuo?! O porco dorme; podes-lhe dar quantos choques quiseres nos livros, que o porco há de dormir! O destino mantém-no na sonolência e murmura-lhe: dorme, meu porco."

Apesar desta incredulidade, Eça não desistiu de fazer o inquérito, de "dar o choque ao porco". A isto se entregou de 1871 a 1888. Depois havia de desistir. No entanto, Eça de Queirós esteve longe de fazer um inquérito frio, sereno e objetivo à sociedade portuguesa. O seu contacto com o estrangeiro levou-o a dizer mal, por sistema, da sociedade portuguesa. Era tamanho o pessimismo que revelava, que João da Ega, em *Os Maias*, chega a afirmar que Portugal só poderia endireitar-se com uma catástrofe que tudo arrasasse.

Por outro lado, os valores defendidos pelo autor são muito discutíveis, uma vez que é anticlerical e vai analisar a vida do clero segundo este prisma; a propósito dos problemas da família, não acredita na virtude das esposas de maridos ricos e considera que a mulher só tem um destino: dona de casa ou mulher de prazer; estava convencido da incompetência dos governantes, que considerava ou corruptos ou apáticas. Para além disso, Eça tinha a perfeita noção de que o público só compraria os seus livros se fossem atrevidos ou escandalosos. Por último, a sua carreira política afastou-o da sua terra pátria, pelo que teve muito pouco contacto com a sociedade que pretendia fotografar. É o próprio que afirma:

"Convenci-me de que um artista não pode trabalhar longe do meio em que está a sua matéria artística... Eu não posso pintar Portugal em Newcastle".

N'O Crime Do Padre Amaro, mostra-nos um ou outro esfomeado [do povo] que se cruza nos passeios das ruas com os bem instalados na vida. Os ricos insultam-nos e eles desaparecem envergonhados, como se não lhes fosse permitido pisar a mesma terra das classes mais abastadas.

N'O Primo Basílio, a criada Juliana é examinada com certa minúcia, mas qualquer outro popular que surja na literatura queirosiana é apenas enquadrado no meio das pessoas burguesas e é por elas manejado.

N'Os Maias critica Eça a alta sociedade lisboeta, apontando o dedo à incompetência dos ministros, à influência dos endinheirados sobre jornalistas, literatos e políticos, à vaidade ridícula dos titulares e à falta de princípios morais das mulheres da alta sociedade e dos elegantes parasitas que as rodeiam. Começa por nos mostrar como é estéril a educação portuguesa ministrada aos meninos da alta sociedade para depressa nos mostrar como o meio lisboeta é capaz de degenerar até os que, como Carlos da Maia, usufruíram de uma educação inglesa. Banqueiros, políticos, têm uma visão muito limitada dos respetivos interesses e os intelectuais, ou os vê contaminados pelo meio, ou erram desorientados, incompreendidos e até comprometidos financeiramente. E não fazem nada. Os da velha escola causam náuseas ao público evoluído. Os das ideias progressistas veem ruir um a um, todos os seus projetos.

Curiosamente escrevi eu em 1971 que a solução para Portugal, naquele estertor da ditadura do Estado Novo, numa primavera marcelista estiolada, era termos um tremor de terra maior do que o cataclismo de 1755, que não deixasse pedra sobre pedra, para nos ser possível, a nós, jovens, reconstruir tudo do nada. Tábua rasa de onde pudéssemos criar as nossas utopias. Ainda hoje acredito na maior parte delas...e o terramoto ainda não chegou. O país ainda mantém muita da sua inolvidável beleza, que a natureza lhe deu, mas o povo continua a ser um óbice tão grande como os ineptos que sempre o comandaram.

E queixa-se, no paraíso do Gerês, o Zé António Salcedo da música pimba misturada nas Festas com cultos religiosos, nas Festas paganizadas que a Igreja patrocina do Minho aos Algarves e ilhas? Partimos de uma mesma base educacional da qual ainda não abdicamos hoje, a de que só com muito trabalho, dedicação e perseverança se atingem as metas a que nos propomos, discordamos de muita coisa, (em especial nos meios e instrumentos para se atingirem idênticos fins que propugnamos), mas concordamos em muitas outras. Temos vivências e experiências diferentes, países adotados em moldes distintos, mas une-nos este desejo insanável de termos um país que nos mereça. E não interpretem mal esta afirmação.

O estilo é uma maneira muito simples de dizer coisas complicadas. (Jean Cocteau)

Ainda há dias tive o gratificante prazer de me reunir com a embaixadora australiana que veio a São Miguel e queria congratular-me pelo meu trabalho confidencial de tradução que tinha ajudado a Austrália a garantir um lugar no Conselho de Segurança da ONU. Fiquei honrado por este reconhecimento da minha modesta contribuição pessoal e um sorriso aflorou aos meus lábios. Nunca devo ter feito nada por Portugal (nem mesmo pela sua língua e cultura, de que são exemplo 22 Colóquios em 12 anos) ...

Regressando ao tema inicial destas duas crónicas... Quando se fala de Festas populares lembro-me sempre das recordações de infância atrás revividas autobiograficamente (ver [crónica 58](#)).

Ainda hoje imaginava na Lomba da Maia, na rural costa norte da ilha de S. Miguel nos Açores, que o mundo ia acabar, fosse por que razão fosse (desde um tsunami avassalador, a uma explosão atômica, à queda de um asteroide) e ninguém na pacatez de vacas leiteiras se aperceberia disso. Não é que tivesse grande importância para as suas vidas, a não ser aquela derivada de alterar o ritmo secularmente lento e repetitivo das suas vidas. Era mais uma chatice a obrigar a uma nova promessa ou uma nova ida com os romeiros à volta da ilha para persignar pecados velhos em troca de penitência.

CRÓNICA 139, A INCOMPETÊNCIA DAS LEIS, 8 JULHO 2014

Estou menente com uma notícia da RTP Açores sobre uma infestação de ratos na ilha Terceira. Uma casa foi abandonada há mais de dois anos, o seu dono morreu nela, deixou de a pagar ao banco e estes executaram uma penhora que está a decorrer o seu curso nos tribunais. O cão que lá vivia, continua a vaguear na entrada da casa sendo alimentado pelos vizinhos, mas a casa abandonada (esperamos que já tenham retirado o defunto de lá de dentro) passou a ser um enorme viveiro de ratos, que ameaçam a saúde na área.

Os vizinhos queixam-se, o presidente da Junta de Freguesia manifesta a sua impotência perante a lei, os serviços de saúde negam a possibilidade de intervenção numa propriedade privada, apesar do perigo para a saúde pública. Andam assim as coisas de Herodes para Pilatos, vão a Roma e voltam, sem que nada seja feito pois nenhuma das entidades tem autoridade ou competência para agir face ao estipulado na lei... e a lei como devem saber, é para se cumprir escrupulosamente e rigorosamente....

Pena é que estas autoridades nunca pensem na lei, quando alteram o PDM (Plano Diretor Municipal) para construir o que bem entendem, ou para receberem senhas de presença a que não têm direito, como é o caso, atualmente, de vários autarcas dos Açores, a contas com a justiça para devolverem esses montantes indevidamente recebidos. Os intervenientes neste caso podem nem ser os mesmos, nem terem alterado em total desrespeito com a lei nenhum PDM.

Podem até nem ter recebido indevidamente nenhuma senha de presença, mas a realidade serve aqui para ilustrar como são diferentes as atitudes quando se trata de beneficiar os seus (familiares, clientes, amigos e compadres) - ou os próprios - ou quando se trata do bem comum de uma pequena zona de uma freguesia.

Pode inferir-se daqui que há fregueses de primeira ou de segunda..., mas, entretanto, os ratos continuam lá até que a justiça popular faça justiça pelas suas próprias mãos, tomando conta do cão e exterminando os ratos. Pena é que noutros campos da vida em Portugal se não faça o mesmo, matando as ratazanas que são um perigo para a saúde de milhões de portugueses e se alimentem os cerca de 4,5 milhões de pessoas que não comem o suficiente e dos quais mais de dois milhões vivem na pobreza. Não deve haver raticida que chegue e as autoridades alertam que só podem intervir em caso de eleições...lembrem-se disso quando forem votar!

CRÓNICA 140, O SILÊNCIO DA COBARDIA CÚMPLICE, 27 JULHO 2014

Tinha prometido não voltar a escrever prosa sobre o mundo louco que me rodeia. A realidade, essa há muito que ultrapassou a ficção das séries e filmes televisivos. Fico sempre com a sensação de que, com esta minha visão para além do túnel, se for prever alguma coisa, o futuro se encarregará de exceder todas as minhas previsões. Todas as minhas previsões foram largamente excedidas em menos tempo do que leva a escrevê-las. A recente guerra de extermínio na Palestina, vulgo Faixa de Gaza, é disso mais um exemplo cruel.

Mas são tantas as que ocorreram desde que nasci que creio que daqui a outro tanto, ou seja, daqui a sessenta e cinco anos ninguém se lembrará desta. Terá sido apenas mais uma.

Richard Zimler, esse autor norte-americano de extração judaica, radicado em Portugal, escrevia há dias que o primeiro-ministro israelita (Netanyahu) estava a assegurar-se (e a garantir) que novas futuras gerações de palestinos pudessem continuar a odiar os judeus e assim se perpetuava a ameaça para Israel. Sem esse ódio acicatado, Israel não teria justificação para continuar o seu genocídio.

Uma espiral de violência e ódio que se pretende perpetuar para justificar ações injustificáveis, com resultados imediatos em França (entre outros lugares) onde sinagogas e lojas judaicas foram vandalizadas e queimadas. Só que com a informação instantânea que a Internet ora permite, o que se viam eram crianças mortas na Palestina. Não importa se eram usadas como escudos humanos pelos terroristas do Hamas.

Afinal, em África, seja na Nigéria ou em qualquer outro recanto do continente negro, há muito tempo existem exércitos de jovens a espalhar o terror.

Claro que os alvos a abater pelas armas de destruição israelitas eram hospitais e outros locais normais de abrigo, mas também há muito que se sabe as igrejas deixaram de ser locais de abrigo quando fanáticos islâmicos as incendiam e queimam os cristãos em tantos países africanos, longe dos olhares das televisões e dos meios de comunicação, tal como os indonésios fizeram em Timor Leste.

De uma forma geral o mundo nada fez, nem fará, para parar esta e outras mortandades. Acontecem sempre longe do quintal de cada um, e sempre houve guerras entre árabes e israelitas.

Ao mesmo tempo, a agenda global de eugenismo e malthusianismo continuará um pouco por todo o mundo ocidental, assim como os negócios de venda de armas. Agora mesmo na Lituânia uma ministra alvitava a eutanásia para os pobres.... Errou o alvo, eu usava-a nos políticos como ela. Já há tempos a senhora do FMI (Christine Lagarde) dizia que se tinha de acabar com os velhos...ou mais precisamente "os idosos vivem demasiado e isso é um risco para a economia global! Há que tomar medidas urgentes!"

Olho em volta e convenço-me de estar a assistir a uma repetição de eventos como os que levaram ao eclodir da primeira e da segunda guerra mundial, perante a passividade, cúmplice e cobarde, de todos os que cresceram à sombra de certos confortos materiais e nem se importam com a eleição de nazis e outros extremistas para um pouco dignificante Parlamento Europeu.

Na Ucrânia deitam abaixo um avião e a culpa morrerá solteira junto com os inocentes que iam a bordo, embora não se entenda como alguém se atrevia a voar sobre aquelas paragens. Para poupar combustível, diziam alguns, porque o avião foi desviado da sua rota, diriam outros. Isto depois do outro mistério de um avião malaio que desapareceu dos ares. A NSA norte-americana pode vigiar-me e seguir todos os meus movimentos sem eu saber, mas alega desconhecer o paradeiro

do avião desaparecido há uns 4 meses... centenas de mortos em dois incidentes como eu raramente assistira no resto da minha vida...

Claro que houve no passado abates de aviões como o avião coreano da KAL nos anos 80, numa confrontação russa e norte-americana, houve um avião iraniano abatido pelos americanos, e mais uns tantos, mas nada desta dimensão e com esta impunidade. E o mundo, ao qual pertencço, o que fez? Encolheu os ombros e saiu para jantar fora que a crise ainda permite esses luxos e esta vida são dois dias. Temos de aproveitar e comer.

Por toda a parte vemos governos, artificial e democraticamente eleitos, - sabe-se lá como - que se comprazem em seguir as ordens do grande capital, destruindo os seus países, as suas indústrias e serviços, exportando a sua melhor juventude, matando de forma mais ou menos acelerada os seus velhos a quem se retiram pensões, saúde, justiça e demais serviços.

Criam-se enormes vagas de pobres e desempregados que já nem a dignidade de números têm, como tiveram na Grande Depressão de 1929. Temos conhecimento dos maiores desfalques, falcatruas, negociatas sem que a justiça funcione e prenda e condene os malfeitores. E tudo se passa com o complacente beneplácito de um povo silente e amordaçado nas teias do medo, sem saber que há muito perdeu a liberdade de escolha, a liberdade de poder influenciar os resultados eleitorais, a liberdade de poder escolher o seu futuro...e em breve perderá a sua última conquista, a liberdade de sonhar. Virão aí novas ditaduras e novas guerras, de formas nem sequer imaginadas por George Orwell no triunfo dos porcos e em 1984, e eu mais impotente que nunca tecendo aqui umas tantas palavras para uma minoria esclarecida e lúcida, mas sem poderes de alterar seja o que for.

Refugio-me então na diáfana ilusão das palavras que a poesia consegue criar, na esperança infundada de que elas resistirão a mais este cataclísmico fim da civilização ocidental como a conheci, numa repetição da queda do Império romano ou de tanta civilização que desapareceu sem deixar rasto atual. Muito provavelmente nem sobreviverão essas palavras que o reino da utopia ainda me deixa soletrar e a minha vida terá sido em enorme vácuo contra a minha vontade, mas já nada mais posso fazer, também eu cobardemente cúmplice, mas ainda não-silente. Ah! Nunca quis tanto estar errado como hoje.

Concordo com a sabedoria da minha mãe do alto dos seus venerandos 92 anos: "Este já não é o meu mundo"

CRÓNICA 141 ESTA GUERRA SURDA QUE A TODOS ANIQUILA 14 SETEMBRO 2014

Nestes três meses os piores prognósticos vão-se confirmando com decapitações, crucificações, desmembramentos e outras brutalidades que acontecem aqui e ali, em especial no Iraque, mas noutros pontos do globo, sem que o mundo se preocupe limitando-se a encolher os ombros, como quem diz, isso é lá longe. Claro que tudo muda de figura quando decapitam um ocidental...e vai em três nesta data...

Pela minha parte tem sido um ano difícil sob muitos aspetos, saliento primeiro os positivos, o sucesso do 21º colóquio da Lusofonia nos Moinhos de Porto Formoso em abril, quando tivemos sete dezenas de pessoas, e onde se cantou a liberdade de expressão ganha há 40 anos e hoje tão ameaçada e silenciada pelo medo e pelos donos do mundo, essa hidra de sete cabeças que dá pelo nome de banca internacional.

Tive a alegria de saber dos nascimentos de 3 netas e um neto, mas cuja ausência e distância não me irá permitir ver crescer nem partilhar alegrias e tristezas. A isso já me acomodei, os sentimentos, são, nesta idade, uma coisa fria e distante, pois este mundo, como diz a minha mãe do alto da sabedoria dos seus 92 anos "Este mundo já não é o meu". Não é o dela nem o meu. Os princípios com que nos educaram de nada valem neste atropelo de interesses que subjagam as sociedades quotidianamente.

Mas a preocupação principal este ano tem sido a maleita que afeta a saúde da minha cara-metade, que andou meses sem dormir deitada, dormia sentada no sofá, cheia de dores e outras aflições, e depois de testes médicos, consultas sem conta, contas de farmácia astronómicas concluiu-se que tem duas hérnias discais muito antigas que não explicam as dores e as dificuldades de locomoção e outras maleitas novas como bicos de papagaio e a osteoporose.

Mas também estes não explicam as idas de urgência aos hospitais para lhe darem uma injeção a fim de aliviar as dores excruciantes de que se queixa. Um autêntico calvário para ela e para quem vive com ela, e se sente impotente para minimizar o sofrimento. Este o motivo por que este ano não estou propenso a crónicas, nem em prosa nem em poesia, a produção de 2014 fica muito abaixo da média. Quando o corpo e a mente estão doentes, a criatividade estagna, dizem.

No início do ano a morte do vizinho e amigo desde a primeira hora, o filósofo e político Manuel Sá Couto serviu também para abalar a máscara humana que nos reveste de uma aparente impermeabilidade.

Valeu a ida à Graciosa por 4 dias para conhecer a ilha e uma curta visita à ilha Terceira para ficarmos a conhecer todas as 9 ilhas. Essa passagem pela Graciosa onde se definiu um futuro da Lusofonia para 2015 e a sensação de férias que tivemos nesses 5 dias deu algum alento para continuar e permitiu que eu decidisse sobre o futuro dos bens imateriais que têm povoado a minha existência.

Decidi que devem continuar a existir para além da minha vida e estou a encetar negociações para essa permanência, depois de ter doado o espólio relacionado com Timor à Torre do Tombo.

Por último, o mais novo dos filhos e o único que conosco coabita continua a dar-nos preocupações sem conta pelo seu percurso escolar tendo completado os dezoito anos rumo a um futuro muito incerto...e quem é pai sempre se preocupa pelo bem-estar dos filhos, especialmente quando ainda pode influenciar positivamente esse desígnio. Pode ser que a namorada lhe incuta algum juízo e cresça...é um amor, carinhoso e dedicado, mas ao mesmo tempo alberga uma revolta infinda e uma impreparação para as injustiças do mundo. A minha rebeldia foi sempre acompanhada de uma grande dimensão humanista e cultural, mas a dele não tem esse suporte intelectual, apenas tecnológico...

Sinto-me encurralado num mundo a que apenas pertencço de corpo, mas a alma, que estava na Austrália e agora tem coração nos Açores, tem dificuldades em estabelecer-se autonomamente quando todos os edifícios em que assentei esta vida ruem como em Gaza ruíram bairros completos sob a fúria vingativa israelita.

Tenho uma vontade enorme de resistir a este mundo de medo que os jornais e as televisões impõem a todos através de mensagens diretas ou subliminares, mas sinto que não tenho já a vitalidade, nem física nem anímica, de outras eras para poder resistir. Será isto derivado da entrada na Terceira idade que se espera para daqui a poucas semanas?

Sinto-me naufragado em doca seca, astronauta à deriva e à espera do fim do oxigénio, sinto-me condenado à morte à espera da data da execução, e não deixo herdeiro para perpetuar estes Colóquios da Lusofonia que me têm ajudado a sobreviver nesta década e meia... preocupa-me pois tudo o que escrevo é sentido e intelectualmente honesto, mas ninguém liga a isso, numa era em que todos escrevem como os políticos para o efeito momentâneo de rápido esquecimento.

Já não tenho nem um só grande livro para escrever e os que escrevi não tiveram grandes leitores. Já não tenho nada de importante para inventar, inventei tudo o que pude e quase ninguém deu conta. Fiz o que devia e podia, mas passei despercebido sem sequer merecer uma nota de rodapé nos livros da história que ajudei a escrever de Timor aos Açores.

Não quero gratidão nem benesses, preciso é de forças para continuar a resistir à desumanidade que me rodeia. Não aceito a violência gratuita, muito menos a do Califado em nome de religiões e de passados que não se revisitam.

Não me revejo em nenhuma Igreja ou religião, não tenho partido e como simpatizante clubista não vou longe...

Temo que a democracia tenha sido apenas um interregno entre ditaduras. Os dias de hoje assemelham-se a narrações que ouvi do meu pai antes da segunda guerra mundial, poucos prestam atenção ao avanço dos nazis, dos fascistas à velha moda, dos bufos, da cumplicidade dos medos, das guerras religiosas, dos fanatismos, da nova inquisição, da nova censura e não me revejo nas novas cruzadas.

Politicamente incorreto tento manter-me vivo e ativo, alerta e participante, mas a única arma que me resta é a escrita e todos sabemos como a poesia pode ser uma arma carregada.

CRÓNICA 142 ATERRAR NUM COMETA É COMO APANHAR UM TGV FORA DA ESTAÇÃO 13 DEZ 2014 -

Aterrar num cometa é como apanhar um TGV fora da estação, mas foi isso que aconteceu há dias. O homem na sua infinita sede de conquista alcançou nova meta e mais nenhum cometa pode dormir descansado com esta ambição voyeurista.

Nem David Bowie esse camaleão marciano da música tão avant-garde, o adivinhava em *Space Oddity* ou em *Life on Mars...* Depois de alguns problemas na alimentação solar da sonda Rosetta, esta já mandou dizer que a água do cometa 67P/Churiuimov-Gerasimenko. é diferente da nossa.

Se fossemos tão bons em humanismo e ecologia como somos em tecnologia talvez não andássemos em busca de outro sítio no universo antes que este acabe, que é o único que temos (enquanto não o destruirmos por completo) e mais uma civilização ia para as calendas. Os que sobrevivessem (os menos tecnologicamente aptos) teriam de recomeçar do grau zero da civilização.

Na atual situação da civilização dita ocidental, e face aos sintomas que observo, deste longínquo arquipélago dos Açores onde nada de relevante para o futuro da humanidade acontece, os prognósticos são negros.

A manipulação de imagens e de textos e contextos com que as rádios, televisões e jornais nos bombardeiam todos os dias nada augura de bom.

Na vizinha Espanha já é proibido quase tudo, desde filmar polícias, a manifestações, a colocar tais imagens na Internet...convém que não surjam imagens da realidade alternativa daquela que a comunicação social mundial pretende impor a todos, intoxicando uma população mundial, cada vez mais inculta, impreparada e incapaz de discernir ou de pensar por si própria.

Somos uma minoria, ousa mesmo chamar-lhe elite, que sobrevivemos dos tempos da "outra senhora" com capacidade de ver e ajuizar o que se passa em volta com o ressurgimento de nazismo e outros ismos, intolerâncias, egoísmos, um capitalismo selvagem em busca de lucro a qualquer preço, em que os homens e mulheres não são já meros servas da gleba como outrora, mas meros algarismos no deve e no haver das grandes corporações que tudo controlam. Falamos da Monsanto dos GMO ou OGM, às farmacêuticas que nos matam e envenenam, aos bancos que nos especulam e roubam os nossos impostos, manipulando os governos fíteres que têm vindo a colocar no poder, aos conglomerados da massificação da comunicação social que opera a uma voz única em que apenas os apresentadores diferem, mas as notícias não.

Ainda há pouco, dois jornalistas da Fox (Steve Wilson e Jane Akre) foram despedidos pelo trabalho investigativo de um documentário (em junho passado) sobre uma hormona de crescimento bovino da Monsanto (não consigo encontrar o link desta reportagem, desapareceu!

Mas saiba mais sobre eles em <http://www.goldmanprize.org/recipient/jane-akre-steve-wilson/>. Isto para não falar em todos os atropelos à dignidade humana que se escondem detrás do *Patriot Act* dos EUA, de 26 de outubro de 2001, que nos torna a todos em potenciais terroristas sem direitos exceto o de sermos interrogados e torturados, até possivelmente na tropicalíssima Guantánamo. E poucos podem escapar, a menos que vivam fora desta sociedade consumista que nos aliena e emprisiona.

Os meus colegas jornalistas estão a ser presos e mortos (em todo o mundo) em número tão elevado como não há registo anterior, a vigilância em linha (*online surveillance*) há muito que nos privou da privacidade e alienou em redes sociais (sejam elas Facebook ou Twitter, ou qualquer outra forma de nos ligarmos aos outros).

A Internet pode (e tem sido, nalguns países) controlada pelos governos.

Estamos, cada vez mais, vulneráveis a ataques por governos autoritários, militantes, criminosos, fundamentalistas, e terroristas de todas as cores, tamanhos e feitios.

A globalização da corrupção e outros atos criminosos impunemente aceites e tolerados na maior parte dos países é uma das maiores ameaças à liberdade de expressão...

Temos uma nova censura (ou *decommissioning* na linguagem de George Orwell) que se estende a todas as formas do conhecimento incluindo a reescrita da História de acordo com os novos paradigmas dos poderosos...mas eu recordo as descrições que meu pai fez do nascimento dos nacionalismos exacerbados que através de um voto pretensamente democrático levou Hitler ao poder legitimando-o com o apoio de massas incultas e lavadas ao cérebro engolfadas num mundo em desalinho e insegurança que as levou a buscar o apoio de ditadores fortes (carismáticos ou não) e a segui-los carneiramente como convinha.

Infelizmente a história repete-se e escrevi sobre este mesmo tema no meu livro *Crónica Açores* entre 2005 e 2008, mas como poucos o leram menos ainda puderam ser avisados do que estava para vir e veio e continua a vir até ao ponto de rutura.

Tenho tido o sonho recorrente de uma grande manifestação ou tragédia (lembra-se das Torres Gémeas e episódios semelhantes, capazes de unir e mobilizar nações inteiras?) a ser transmitida por todo o mundo (sabemos todos como há imagens manipuladas e feitas em estúdio, tipo hologramas, usadas em filmes com fundo azul ou verde conforme o destino e depois colocam-se os intervenientes em frente a essas imagens de fundo para obter o efeito desejado). Pode ser uma invasão alienígena, a segunda vinda do Messias, qualquer ato mesmerizador que una as pessoas prontas para aceitarem que o governo as defenda da ameaça.

Depois limita-se o acesso de imagens alternativas da realidade (aquela que não é transmitida pelas TV) e como não é disseminada não existe, pelo subliminar todas as pessoas se identificarão com as imagens manipuladas e tomarão as suas decisões baseadas nesse visionamento.

Basta impedir que sejam publicadas na blogosfera, se as redes sociais da internet não as publicarem, elas não existem.

Está assim completado o ciclo necessário para os governos tomarem as medidas que entenderem (lembrem-se do surto recente de Ébola que surgiu e desapareceu misteriosamente enquanto milhares de tropas eram enviadas para países de África em missões das quais ainda hoje pouco ou nada sabemos?).

Se, apesar disto ainda surgir ou se infiltrar uma ou outra voz dissidente, fácil será silenciá-la com um escândalo sexual como fizeram com Edward Snowden, o pioneiro da WikiLeaks, sem terem de "suicidar" tais vozes. (como alguém me dizia, em tempos, agora está na moda serem suicidados).

Tem sido feito recorrentemente em tantos casos que a realidade há muito ultrapassou casos desses que vimos em séries de cinema de ficção.

Das dez teorias de conspiração de que mais se fala, uma delas fala do eugenismo, malthusianismo, geoengenharia, e outros processos de controlo da população, quer pelos GMO - OGM, quer por ação dos "chemtrails" (aquelas nuvens artificiais que fazem lembrar os "contrails" ou rastro de aviões), quer por vacinas do H1N5, do Ébola ou quejandas (lembrem-se das vacas loucas que vieram e foram? a gripe das aves....etc.), quer por alienígenas que já dominam governos e laboratórios de experiências subterrâneas para escravizar a humanidade, quer pelo aquecimento global, pelo Codex Alimentarius da FAO e OMS (1963) ou pela Agenda 21 da ONU.

Existe uma dúvida que me assola quanto a estas teorias, por mais que lhes reconheça alguma validade, uma menor população mundial tornaria inviável os governos e os lucros daqueles que alegadamente buscam reduzir a população e ver-se livres dos desempregados, pobres e outros "inúteis" da sociedade.

Mesmo com a robótica a tomar conta da produção eles vão sacar mais dinheiro de quem? Dos robôs?

Isto se não deflagrar um grande conflito mundial (a Ucrânia é a melhor desculpa de momento) entre EUA+Europa e Rússia...ou se a China não quiser demonstrar que é já a maior potência mundial, ou se o Califado (ISIS é o nome de deusa egípcia do amor pouco apropriado a esses malfeitores desumanos) continuar a vir por aí fora a repor a verdade histórica de há séculos.

Para incrêus, como eu, custa a aceitar a nova realidade mundial, dado que cresci num mundo instável, mas onde os valores fundamentais permaneciam inalterados há décadas. Há sempre - com o avançar da idade - uma certa nostalgia pela segurança dos tempos jovens onde a esperança abunda.

Não sei nem consigo sequer prever os negros dias de futuro que nos esperam.

Quero crer que a bolha vai rebentar, pode ser a bolha bolsista como em 1929 com o desabar deste capitalismo neoliberal, o mais selvagem de que há memória, pode ser outra bolha qualquer, um conflito mundial ou nuclear, mas vai rebentar e resta depois - então, sim - ter esperança em dias melhores, mas é uma incógnita bem cinzenta que vai ensombrar estes anos derradeiros da minha passagem por esta Terra que todos destroem.

Espero que um novo mundo não tenha nem mais um *Illuminati*. A palavra *Illuminati* é um termo latim que significa "iluminado" e representa uma ordem ou sociedade secreta que tem o iluminismo como base das suas doutrinas. Como se trata de um grupo secreto, é rodeado de grande mistério. Quase todos concordam que o objetivo dos *Illuminati* é alcançar o domínio total do mundo, através de influências e pressões políticas, económicas e sociais.

A *NWO* (*New World Order*) ou *NOM* (*Nova Ordem Mundial*), seria um governo global, que tem autoridade sobre todo o mundo. Várias pessoas acreditam que um dos objetivos dessa *NOM* e dos *Illuminati* seria manter a população mundial abaixo dos 500 milhões de habitantes. Isso significa que muitas pessoas teriam que ser eliminadas.

Existem também teorias que indicam que os *Illuminati* manipulam vários alimentos e a água para causar infertilidade e esterilização, diminuindo a população mundial.

Outra ligação muito comum é com o Grupo ou *Clube de Bilderberg*, uma associação ultrassecreta que organiza reuniões para apenas 130 pessoas, que têm uma grande influência no mundo.

Existe especulação que alega que o que é decidido nessas conferências dita o futuro do resto de todo o mundo. Este clube tem este nome porque a primeira reunião organizada (em 1954) aconteceu no Hotel Bilderberg, na Holanda.

Alguns dos símbolos mais conhecidos dos *Illuminati* são o triângulo ou pirâmide, o "olho que tudo vê", a coruja e o obelisco.

Vários autores relacionam os *Illuminati* com a maçonaria e por isso às vezes existem símbolos equivalentes.

Vários cristãos acreditam que o líder da Nova Ordem Mundial e dos *Illuminati* será o Anticristo e o estabelecimento dessa ordem corresponderá ao início do fim do mundo.

Como filho da geração que acreditou no amor universal nos anos 60, quero crer que vai ser possível emergir uma nova ordem mais pacífica e amiga da Terra, onde a justiça e a equidade sejam, de novo, objetivos a atingir.

Ao meu lado, porém, a maioria das pessoas está demasiado ocupada e preocupada com a sobrevivência pessoal, com a manutenção do poder de compra consumista para ter divagações destas, enquanto eu, pelo contrário, nada posso fazer para garantir a minha sobrevivência motivo que me leva a estas lucubrações, consciente de que mais gente pode partilhar a minha visão do mundo, exemplificada pelo paradigma dos Colóquios da Lusofonia que me lideram a título gracioso em prol da defesa do imaterial: a língua e cultura de todos nós.

Se mais gente se dedicasse a título gratuito a defender utopias destas, bem melhor seria este mundo (que, parafraseando sempre, e uma vez mais, a minha mãe na sabedoria dos seus 92 anos, diz) que já não é o meu.

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA,
LER UMA BOA POESIA,
VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL,
DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS.
GOETHE

Badana 1

Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad, cavaleiros da Távola Redonda e uma busca do Santo Graal. Aqui não há nem Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moínhos de vento, contra os quais espadanar.

Há apenas um aprendiz de escriba, cavaleiro da poesia e utopia, temeroso e aventureiro, sequioso na sua aprendizagem constante de outras línguas, hábitos e culturas.

De Trás-os-Montes, sua matéria desconhecida, partiu à conquista do "lulic" em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevivendo a um "Anno Horribilis" no Verão Quente (1975, Portugal), atravessando as Portas do Cerco (na China de Macau), percorrendo os Estados da Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com breves passagens pelas Índias, pelo Oriente do Meio e seus emirados, metade da Europa, da Ásia e parte do Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil, Portugal e outros países

Por fim, iria aterrar como um milhafre, Buteo buteo rothschildi, na ilha de S. Miguel (Açores) donde partiu em conquista fugaz de Santa Maria, Faial, Pico, Graciosa, S. Jorge, Terceira, Flores e Corvo.

Se na pátria Austrália descobriu uma tribo aborígine a falar crioulo português há mais de 450 anos, na provecta Bragança descortinou a sua matéria e nos Açores descobriu o que o mundo desconhecia, uma literatura distinta.

Esta viagem leva o leitor num périplo pelo mundo enquanto o autor vai cronicando, como Marco Polo, ou Fernão Mendes Pinto a sua vida, as terras, as gentes e os costumes e tradições. Da análise política, social e pessoal parte à descoberta de culturas. Recupera as origens, retorna ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, até se radicar nesta "Atlântida" onde irá desvendar, divulgar e dilatar desveladamente uma fértil açorianidade literária, fundíbulo de autonomias e independências por cumprir.

Badana direita



J. Chrys Chrystello (n. 1949-) cidadão australiano que não só acredita em multiculturalismo, como é disso um exemplo. Nasceu numa família mesclada de Alemão, Galego-Português, Brasileiro (carioca) do lado paterno, Português e marrano do materno.

Publicou em 1972 o livro "Crónicas do Quotidiano Inútil, vol. 1" (poesia).

O exército colonial português levou-o a viver em Timor (setº 1973- jun 1975) onde foi Editor-chefe do jornal local (A Voz de Timor, Díli) antes de ir à Austrália em 1975 decidir adotá-la como pátria. Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor. Durante mais de duas décadas escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

De 1967 até agora dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa).

De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas na Companhia de Eletricidade de Macau. Também foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a ERM/ Rádio 7/ Rádio Macau / TDM e RTP Macau e jornalista para a TVB - Hong Kong.

Viveu em Perth, radicou-se em Sydney (e migrou para Melbourne). Durante os anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural do país.

Foi Jornalista (Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e Ministério Federal da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários). Divulgou a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos).

Durante mais de vinte anos (1984-2004) foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Foi Tradutor e Intérprete (Ministério Estadual da Imigração, Ministério de Saúde de Nova Gales do Sul). Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters).

Leccionou Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes em Sydney na UTS (Universidade de Tecnologia de Sydney).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS (1999-2005).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido (2000-2012)

Foi Revisor (Translation Studies Department) da Universidade de Helsínquia (2005-2012).

Foi Consultor do Programa REMA da Universidade dos Açores. (2008 a 2012)

Em 1999, publicou a sua tese "Timor Leste: o dossiê secreto 1973-1975" (ensaio político), esgotado ao fim de três dias. Em 2000 publicou a 1ª edição da monografia "Crónicas Austrais 1976-1996". Em 2005 publicou o "Cancioneiro Transmontano 2005" e publicou (e-book DVD) outro volume da trilogia "Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Reporter".

Entre 2006 e 2010, traduziu, entre outras, obras de autores açorianos para Inglês: Daniel de Sá (Sta. Maria ilha-mãe; O Pastor das Casas Mortas; S. Miguel: A Ilha esculpida; e Ilha Terceira, Terra de Bravos), de Manuel Serpa (As Vinhas do Pico), Victor Rui Dores (Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel).

Em 2011 traduziu a Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos para inglês e em 2012 de Caetano Valadão Serpa "Uma pessoa só é pouca gente, o sexo e o divino."

Desde 2005 traduziu excertos de obras de dezenas de escritores açorianos integrados em projetos dos Colóquios da Lusofonia.

Em 2009 publicou o volume 1 da trilogia "CrónicaAçores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, (esgotado) " cronicando as suas viagens pelo mundo.

Em 2011 publicou o volume 2 da trilogia **CrónicaAçores: uma Circum-navegação** (ed. Calendário das Letras).

Em outubro de 2012 lançou a sua obra completa de poesia **Crónica do Quotidiano Inútil (vol. 1 a 5)**, a assinalar os 40 anos de vida literária.

Em 2015 lançou a 4ª edição de **Crónicas Austrais 1978-1998**. E nova edição completa dos 3 volumes da **Trilogia da História de Timor**.

Em 2017 lançou o seu opus magister **Bibliografia Geral da Açorianidade** em 2 vols (1600 pp. com 19500 entradas) e teve vários trabalhos (ensaio e poesia) publicados em antologias.

Em 2018 fez a revisão e atualização do livro "Missionários Açorianos em Timor, vol. 2" de D. Ximenes Belo e lançou e-livro com Fátima Salcedo "fotoemas" fotos do Porto e poemas dos Açores.

Prepara mais obras para publicação 2018-19

Considera marcantes a Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras (29.3.2010) com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, e ser admitido (5.10.2012) como Académico Correspondente da Academia Galega da Língua Portuguesa).

É Editor dos **Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL**, publicação online, e preside, desde 2010, à Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que organiza desde 2001-2002, Colóquios da Lusofonia (30 edições, 2 ao ano).

CHRYS@LUSOFONIAS.NET

[HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/MAIS/CHRYS](https://www.lusofonias.net/mais/chrys)

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOL. 3 ANO 2014 - SEM CORTES
(CRÓNICAS 137 A 142 - 2014)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE

O TEMPO É UM ÓTIMO PROFESSOR. PENA É QUE MATE OS SEUS ALUNOS. (HECTOR BERLIOZ)